



AVENÇA

O VILAVERDENSE

Descansar e trabalhar, eis os dois polos entre os quais corre o sopro da vida.

Romano Guardini

Quinzenário Regionalista

Director e Editor: Cón. Domingos Peixoto da C. e Silva

Propriedade de Nossa Senhora do Alívio

Redacção e Administração — Residência Paroquial de Prado — Tel. 92123 — BRAGA | VISADO PELA CENSURA | Composto e impresso na Escola Gráfica da Oficina de S. José — BRAGA

Correia de Oliveira Poeta de Deus

Pelo P. J. SILVA LOPES

Passou em 20 de Fevereiro o 2.º aniversário da morte do grande poeta que foi António Correia de Oliveira.

Desde os bancos da escola que todos nós ouvimos falar deste nome, mas, para uma grande maioria, apesar da profundidade da sua poesia, embora toda a gente a entenda, Correia de Oliveira, é, quando muito um ilustre desconhecido.

E é pena que isso aconteça, numa época que se procura a todo o custo guindar aos cumes da glória verdadeiras mediocridades, quer no campo da política, das

ciências ou das letras, esquecerão insigne poeta, que cantou em versos imortais tudo o que dizia respeito à «portugalidade» é, além de uma grave injustiça; um índice de desinteresse pelos verdadeiros valores.

E porque será que não se dá o devido relevo ao valor indiscutível de Correia de Oliveira?

Entre outras razões que poderiam ser apresentadas, parece-nos que não será estranho o facto de ter sido fiel respeitador dos valores tradicionais que fizeram grande e deram projecção à nossa pátria, por aderir à religião de Jesus Cristo, cuja Igreja procurou servir como católico esclarecido e cumpridor.

Dizem pessoas que com ele privaram na intimidade que muitas vezes lhe ouviram esta frase: «Por que fui eu, meu Deus, e não outro escolhido por Vós para ser poeta?»

«Calou-se na Terra a voz do egrégio Poeta, que no céu continuará a cantar, eternamente, em glória com a Igreja Triunfante.»

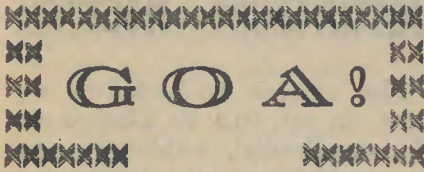
Era assim, com estas palavras tão expressivas, que começava o telegrama de condolências enviado pelo Senhor Cardinal Patriarca à família enlutada de Correia de Oliveira.

Creio ter sido também Sua Eminência, que chamou ao grande lírico: «Poeta de Deus e do Império».

Todos sabemos que não pode haver verdadeiro antagonismo entre a vida e a religião ou entre a arte e a fé.

Lógicamente, tal antagonismo é inexplicável, mas, praticamente em produções e literárias em prosa ou verso, tem surgido em todos os tempos vozes dissonantes, a pretender iludirnos com falsas ressonâncias, desviando as mentalidades, com esses falsos artifícios, do recto modo de pensar e agir.

(Continua na quarta página)



Corações, não perca a esperança na hora amargurada que hoje passa... A Fé inabalável sempre alcança, por milagre de Deus, a Sua graça!

A voz da Pátria fala, não se cansa nem se rende à força da ameaça! Goa sagrada! Nobre e doce herança. Há muito se juntou à nossa raça!

Portugueses olhai! O mal do Mundo vai alastrando, lamacento, imundo, só nos quer dividir... fazer-nos mal...

Precisa a Pátria, agora, dos seus filhos... Apaguem-se dos ódios os rastilhos, dêmos as mãos!... Salvemos Portugal!

Christina Bérens Freire

PALESTRA
Realiza-se como de costume na próxima quinta-feira dia 8.
O Arcipreste

D. António Bento Martins Júnior,

Dor Merré de Deus e da Santa Sé Apostólica, Arcebispo e Senhor de Braga, Primaz das Espanhas, Assistente ao Sólido Pontifício, etc.

Os nossos diocesanos da freguesia de Arcozelo, do Arciprestado de Vila Verde, encontram-se em rebeldia declarada contra a Nossa decisão de encarregarmos da cura das suas almas o Rev.º Pároco de Marrancos, como prevêem as Constituições Diocesanas e como é hábito de há dezenas de anos para cá, por não poder ter Pároco exclusivo.

Têm levado a sua rebeldia a ponto de impedirem o seu Pároco de exercer o culto na Igreja Paroquial e de apedrejarem as casas dos paroquianos que procuram a Igreja ou o Pároco para fins religiosos.

Porque em consciência não podemos deixar passar impunes os autores de tão insólita rebeldia, Havemos por Bem punir todos os culpados com a pena de interdição pessoal com as consequências previstas no cn. 2275, que lhes proíbe receberem qualquer Sacramento ou Sacramental, serem padrinhos de baptismo, terem sepultura eclesiástica e participarem activamente em qualquer função ou officio eclesiástico.

Os Rev.ºs Párcos vizinhos de Arcozelo devem ler e explicar esta provisão na estação da Missa Paroquial do próximo Domingo e orarão com os seus paroquianos pela conversão dos delinquentes, a fim de que, arrependidos, dêem a devida satisfação e sejam reintegrados em todos os direitos dos bons filhos da Igreja.

Braga, 27 de Fevereiro de 1962.

† ANTÓNIO, Arcebispo Primaz

Ser Poeta

Ser poeta é ser pobre d'ambição,
Viver morrendo despido de galas!
É ter o coração preso às falas,
É ter na pena a imaginação.

É ser mendigo, desterrado e triste,
É ser por dura espada retalhado!
É ser terrivelmente desgraçado,
É qu'rer do Mundo o que não existe!

Ser poeta é ir além do Horizonte,
Morrer de sede, quedo, junto à Fonte,
Morrer de pura sede do Infinito!

É um querer sem crer no que se quer,
É ter no peito eterna chama arder,
É ser a eterna dor dum peito aflito!

Prado, Fevereiro de 1962.

Gota d'Orvalho

PELA LIBERDADE DE CULTO EM ARCOZELO

... É a autoridade civil como pensa agir?

O nosso depoimento

Será difícil averiguar responsabilidades? Vejamos:

Porque é que a detentora das chaves da Igreja no dia 31-X p.p., quando o m. Rev.º Pároco de Calvelo solicitava as mesmas chaves para as entregar ao novo pároco, lhas recusava com estas palavras: «Por ordem do Sr. Presidente da Junta não entrego as chaves a ninguém?»

Porque é que no dia em que devia tomar posse o novo pároco (22-X p.p.), foi um grupo de crianças interrogadas pelo m. Rev.º do Arcipreste, se já tinham ido à missa, foi respondido: «O Senhor presidente (da junta) mandou toda a gente embora?»

Porque é que o Senhor José Barros (julgamos tratar-se do Regedor da freguesia) manifestou publicamente grande desejo de fê-lo ao novo pároco (para o que nunca teve coragem, segundo informações) para o avisar de que era inútil a sua «teimosia» em ir a Arcozelo, porque perdia o tempo?

Porque é que a Sra. Adosinda de Magalhães, teve este frase tão curioso como significativo: «os de Arcozelo não receberão o pároco de Marrancos, por-

que há um papel feito pela junta e que tem o Sr. Luizinho (o tal Presidente) e quem não cumprir «poém-no à divina?» «Deve tratar-se de qualquer compromisso inviolável».

O aviso que o Sr. José Barros queria fazer ao Abade deve estar relacionado com o dito de um Sr. cujo nome neste momento não podemos indicar ao expressar-se: «O padre é teimoso; com um tiro acaba-se de vez com a sua vinda cá; em Portugal não há pena de morte; o muito que me pode acontecer é a prisão. Paciência!... mas acabamos com a sua vinda cá». É mais arrojado que o Sr. José Manuel Ferreira, quando no dia 1-1-962, se expressava assim: «se eu fosse um tipo de dinheiro para me defender punha pouco em dar um tiro em quem tocava o sino».

Nestes compromissos, nestes desabafos, dos «melhores» (lão baixos) deve estar o segredo das selváticas consequências a que se sujeitaram «Glória de Carmona e Luiz de Magalhães...» Porque a Glória é a esposa deste foram à missa (1-1-962) os telhados de suas moradas apedrejados!...

O mesmo aconteceu na habitação de Sra. Conceição Alves, que suportou a mesma onda de terrorismo ao violar a greve (o tal compromisso) porque uma sua filha tratava do casamento católico, e, para tal fim, se tinha feito a leitura dos proclamas (28-1-62).

Também se sujeitou às mesmas consequências funestas o Sr. José Manuel Ferreira, porque uma filha sua tratou do seu casamento católico.

No dia 1-IX-961 o Senhor Joaquim Fernandes, homem de bem, de idade avançada e alheio às greves de terra, foi o único que felhou ao compromisso.

Poderá a Ex.ma junta de freguesia — (pelo visto os mandões da terra) — explicar a atitude que tomou diante daquele Sr. Joaquim Fernandes a fim de o afastar do fôrmo como procedem, cheios de bons modinhos e para evitar faltas de respeito (é pessoa idosa e de bem como se disse) e aborrecimentos mendigarem (os tais mandões) que não fugisse dos ordens dadas e impostos na freguesia.

São «ordens», são «ordens», diz o Sr. Gaspar, e temos de cumprir.

Quem dá tais ordens?... Porque é que o Senhor Soares (membro da junta) procurou dissuadir a Sra. Maria Angela de Sousa Ferreira e a Maria Alves da Silva de tratarem do seu casamento católico impenhendo-se incensavelmente para que estas tratassem somente de um registo civil com a promessa de que ele próprio resolveria a Sua situação religiosa mais tarde?...

Perguntamos nós agora: há liberdade de culto no nosso país ou não?

Mas as coisas vão muito mais longe; No dia 4 de Fevereiro encontramos a coroa (cremos que fique por aqui) de uma série dos maiores e mais repugnantes actos de selvejaria: uma armadilha, autêntica cilada, ao pároco, que segue para Arcozelo de automóvel. Próximo de uma avenida em frente à Igreja desta freguesia, diversas lóbuas crivadas de pregos «autênticos cedeiros, que atingiram o fim em vista» furar os pneus.

(Continua na 4.ª página)

Um Congregado

(Continua na 4.ª página)

tacto com as entidades oficiais esta faustosa notícia.

Sua Excelência, neste momento, torna-se mais credor de toda a gratidão do Concelho de Vila Verde.

O seu espírito esclarecido, o seu tacto fino, o seu amor ao Concelho onde nasceu, o seu interesse pela sorte dos humildes, a sua bondade, a sua visão clara dos problemas, seus interesses das politiquices pessoais ou de terreolas, o seu prestígio junto das entidades oficiais e dos povos minhotos, especialmente da região bracarense, impõe-no como o homem de que este Concelho precisa para orientar as principais obras que constituem a aspiração máxima do povo deste Concelho como a Santa Casa da Misericórdia de Vila Verde.

Um homem extraordinário, vilaverdense, lançou-se, como servidor da Pátria e do Concelho à fundação do Hospital de Vila Verde.

Foi o grande doutor Álvaro da Costa Machado Vilela.

O Hospital de Vila Verde, ainda que fosse condenado à morte — o que seria um crime — só pela assistência que fez até hoje, embora em provisórias e péssimas instalações, justificaria todos os trabalhos de tão ilustre vilaverdense e dos seus colaboradores, alguns dos quais não são naturais deste Concelho, mas que o amam tanto como os vilaverdenses natos.

Agora o povo do Concelho de Vila Verde põe as suas esperanças no senhor doutor Francisco Eusébio Prieto.

Os grandes valores intelectuais, morais dos povos, como verdadeiros valores, são poucos, que, quando se descobrem é preciso que os povos os cativem, porque as suas obras podem perdurar através dos tempos.

O Estado também deve saber que são estes homens que conservam os povos unidos, dentro dos seus princípios e que são a verdadeira voz do povo e dentro dos seus princípios.

Por isso, a notícia da construção do Hospital de Vila Verde, trazida por boca de pessoa tão querida e filha deste Concelho, foi para todos nós um ressurgimento.

Estávamos cheios de promessas de há quase uma dezena de anos. O povo sempre colaborou com genero-

(Continua na quarta página)

Novo Acordo do Serviço Portugal - Brasil

“Voo da Amizade”

Segundo declarações feitas à Imprensa brasileira, pelo dr. Albano Ribeiro, secretário-geral da TAP, que esteve recentemente no Rio de Janeiro, com um grupo de convidados da Panair-TAP, que viajaram no «Voo da Amizade», as companhias de aviação Panair-TAP através de conversações havidas entre os presidentes das duas companhias, eng. Paulo de Sampaio e eng. Vaz Pinto, vão estabelecer novo acordo com vista a um aumento do serviço regional Lisboa-Sul-Reclife-Rio de Janeiro e vice-versa, o qual implicará um aumento das frequências do «Voo da Amizade», além do estabelecimento de um sistema de crédito a todos os portugueses e brasileiros residentes no Brasil, para visitarem Portugal, financiado pelas duas companhias. Aos residentes no Brasil será tornada extensiva a franquia de bagagem de 50 quilos, que está sendo aplicada aos emigrantes de Portugal e ainda a extensão a S. Paulo de um dos voos da Amizade, dada a presença da grande colónia portuguesa na capital bandeirante.

Emigração clandestina

A emigração clandestina que, nos últimos anos, se vem registando quase exclusivamente para França, acompanhou naturalmente as alternâncias da procura de mão-de obra neste país o regista, no presente, novo surto que, pela importância do volume que atinge e pelos variados problemas que desencadeia, provoca as mais justificadas preocupações.

Mes a emigração clandestina para a França, para além de outras causas, resulta, essencialmente, de factores de duas ordens:

1.º Dificuldades na emigração legal:

a) Naturais limitações quantitativas e qualitativas por parte da França (exigência de contracto, rigor das disposições sanitárias, aptidão profissional, etc);
b) Condicionalismo existente em Portugal quanto ao processamento emigratório (manutenção assegurada no país de destino, robustez física, exame escolar, manutenção assegurada da família, etc.).

2.º Possibilidade de obtenção de autorização de residência e de trabalho aos estrangeiros chegados irregularmente ao seu território (caso muito especial de França; situação paradoxal que se sobrepõe à legislação que rege a emigração.

Deve notar-se, todavia, que as autoridades portuguesas, satisfeitas as disposições legais aplicáveis, não impedem a saída de trabalhadores detentores de contratos nem negaram, até hoje, qualquer pedido de recrutamento que, normalmente, têm sido efectuados em benefício das regiões do País em que a situação de emprego se considerou precária.

O distrito de Braga tem sido bastante contemplado neste recrutamento.

Os agentes que impulsionam o movimento clandestino encontram sempre razões para as suas dolorosas promessas e oferecem excelentes atractivos aos trabalhadores explorados. Estes, conduzidos pela mão experiente das organizações, expoliados do seu dinheiro, só depois, terminada a primeira parte da sua odisseia, podem avaliar a quantos problemas e a quantos sacrificios abriram impensadamente os braços.

Chegado a França, o trabalhador clandestino é forçado pelas circunstâncias a aceitar o contrato que lhe arranjam, a actividade para que dele precisam e a região onde dele necessitam. Os salários que lhe pagam são, evidentemente, os mais baixos e as condições de alojamento nem sempre dignas, pois quer salários, quer alojamento não são apreciados (como acontece na emigração legal) pela Junta de Emigração.

Em matéria de segurança social e abonos de família sucede o mesmo.

Todas as dificuldades que encontra e todos os problemas em que se debate são ainda agravados de forma profunda pelo facto raro lhes ser permitido, pelas autoridades de trabalho, exercer outra profissão ou mudar de departamento.

Neste ambiente, a que se pretende por termo, o emigrante clandestino vê às vezes, nas agruras do seu viver, fugirem-lhe as economias de mais de um ano de intenso trabalho erude vida,

directamente para a bolsa dos empregadores e dos passadores que o levaram para França. De facto se ressentem a família que ficou em Portugal, cujos sacrificios não são menores.

a) Fica proibida a intervenção de quaisquer indivíduos ou empresas no engajamento de emigrantes, na obtenção de documentos necessários à organização dos seus processos e na marcação e aquisição das respectivas passagens (Decreto-Lei n.º 36 558, de 28 de Outubro de 1947, art.º 5.º).

A inobservância do disposto no corpo deste artigo será punida com a multa de 5.000\$00 por cada emigrante em relação ao qual a mesma se verifique, que se elevará ao dobro em caso de reincidência. (Idem, idem, § 4.º, na redacção dada pelo Decreto Lei n.º 41 456, de 19 de Dezembro de 1957).

1.º Todos aqueles que aliciam indivíduos para saírem a fronteira com destino a qualquer país estrangeiro, sem documentação, com documentação falsa ou incompleta, ou auxiliarem, seja de que forma for, a saída de tais indivíduos;

2.º Os que interferirem, de qualquer modo, na obtenção de passaportes ordinários sob pretexto de serem utilizados para fins turísticos, quando, na realidade, se destinarem a emigrantes;

3.º Os que auxiliarem ou se propuserem auxiliar a saída de emigrantes clandestinos ou cooperarem na passagem destes por qualquer ponto da fronteira, habilitado ou não;

4.º Os emigrantes clandestinos, considerando-se assim os indivíduos que saíam do País por qualquer fronteira, habilitados ou não, sem passaporte, com passaporte falso ou em nome de outra pessoa, ou ainda aqueles que, tendo por objectivo fixarem-se em país estrangeiro, não estarem munidos do indispensável passaporte que para tal o habilite;

5.º Os que tentarem cometer quaisquer factos previstos nos números anteriores.

Colaboremos todos com estas disposições superiores.

Carta Magna da Lavoura Minhota

Continua a campanha para a reorganização da Lavoura neste Conselho de Vila Verde, onde tudo tem de estruturar-se desde o início.

Dentro das Directrizes traçadas pelo senhor Secretário da Agricultura, com a orientação do Grémio da Lavoura local, vamos principiar pela criação da Cooperativa dos Vinhos.

E' preciso andar sem vacilar. A Comissaocestá a angariar sócios que podem inscrever-se no Grémio da Lavoura local.

Os lavradores devem confiar que só há interesse pela salvação da lavoura.

Não dêem ouvidos aos detractores. Tem de se caminhar.

A hora é dos que souberem preparar o seu futuro com o auxílio do Estado.

Anunciai, assinai e propagai "O Vilaverdense,"

"O Vilaverdense F. C.

em evidência

De visita a Vila Verde, tive o ensejo e a grande satisfação de assistir a um desafio de futebol entre o meu glorioso grupo e o Desportivo de Fão.

Perante uma assistência razoável, o grupo local acabou por vencer por 2-1.

Notou-se e com grande satisfação a presença de três velhos jogadores: Joca, Zeca e Lago, os quais mostraram ainda presença de verdadeiros atletas, dando o exemplo daquele desportista que joga com amor à camisola. Parabéns, pois!

E' de lamentar que um jogador prostrado no meio do campo, devido a um choque com o adversário, não, tivesse sido assistido por um colega de equipe, tendo de se movimentar por ele mesmo.

Foi o caso do avançado-centro do Vilaverdense.

Neste mal teve responsabilidade o capitão da equipe.

Está, pois, o Vilaverdense de parabéns pela sua brilhante recuperação, avanço este devido, também, aos esforços do novo treinador António Anselmo Gonçalves.

Vila Real, 19 de Fevereiro de 1962.

Artur Barbosa Gomes

Ministério do Interior

Direcção Geral de Assistência

2.ª REPARTIÇÃO

Portaria n.º 7 546

Atendendo a que tem aumentado consideravelmente o trânsito de pessoas e veículos nas principais cidades do País, designadamente em Lisboa;

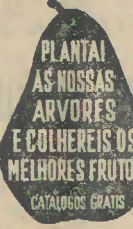
Atendendo a que é importante o número de pessoas cegas que, forçadas pelas necessidades da sua vida particular ou profissional, transitam desacompanhados pela via pública;

Convindo providenciar de maneira que as pessoas cegas sejam preservadas de desastres das travessias de ruas de maior movimento;

Manda o Governo da República Portuguesa, pelo Ministro do Interior, que os agentes de policia, sem prejuizo do seu serviço, auxiliem os cegos nas travessias perigosas das ruas em que seja grande o movimento e lhes prestem quaisquer indicações que lhes sejam pedidas, devendo os cegos para mais facilmente se tornarem notados usar bengala de punho recurvado, pintado de branco, e que só poderá ser por eles utilizada na via pública.

As mais seleccionadas árvores de fruto

(9)



As melhores sementes de flores e hortaliças.

As mais lindas rosas premiadas em Concursos Internacionais, Camélias, arbustos, arvoredos, bolbos, insecticidas, fungicidas. Construção de jardins, parques e pomares.

Catálogos Grátis

Alfredo Moreira da Silva & Filhos L.ª

Rua D. Manuel II, N.º 55

Telegramas: Roselândia

Telef. 21957 — PORTO

S. R. TRIBUNAL JUDICIAL DE VILA VERDE ANÚNCIO

(1.ª publicação)

No dia 30 de Março próximo, pelas 10 horas, no Tribunal desta comarca, na execução ordinária que João José Pereira Massa, casado, residente na rua Monse-

nhor Airosa N.º 71, da cidade de Braga, move contra Lourenço Abílio Barbosa e mulher Maria de Almeida, do lugar de Codeçal, freguesia de Dossãos, desta comarca, serão postos em praça pela primeira vez, para serem arrematados ao maior lance oferecido acima do valor adiante indicado, os seguintes prédios apreendidos àqueles executados e sitos na freguesia de Dossãos:

1.º

Leira do Cortelho de Cima, inscrita na matriz sob o art.º 587, a qual entra em praça por 2.232\$00;

2.º

Leiras das Chãos, inscritas na matriz sob o art.º 655, as quais entram em praça por 4.896\$00;

3.º

Terra da Ermida ou Ermidadura, inscrita na matriz sob os artigos 588 e 589, a qual entra em praça por 9.960\$00;

4.º

Leira da Ermidura ou da Ermideira, inscrita na matriz sob o art.º 590, a qual entra em praça por 6.216\$00;

5.º

Terra dos Codeçais, inscrita da matriz sob o art.º 610, a qual entra em praça por 7.056\$00;

6.º

Uma casa térrea com um pavimento e duas divisões, inscrita na matriz urbana sob o art.º 13, a qual entra em praça por 648\$00;

7.º

Terra do Eido, inscrita na matriz sob o art.º 617, a qual entra em praça por 1.248\$00;

8.º

Terra da Ermida ou da Fonte, inscrita na matriz sob o art.º 591, a qual entra em praça por 6.192\$00;

9.º

Leiras das Cordeirinhas, compostas por duas leiras de cultivo com oliveiras e árvores avidadas, sitas no lugar de Codeçal, inscritas na matriz sob o art.º 670, as quais entram em praça por 4.248\$00;

10.º

Leira da Colheita, de cultivo com oliveiras e uveiras, sita no lugar de Codeçal, inscrita na matriz sob o art.º 612, a qual entra em praça por 1.104\$00;

11.º

Prédio urbano composto de casas torres com dois pavimentos e quatro divisões no primeiro andar e cinco no segundo, sito no lugar do Codeçal, inscrita na matriz sob o art.º 15, o qual entra em praça por 2.592\$00;

12.º

Leira do Carvalhinho, de mato, sita no lugar do Codeçal, inscrita na matriz sob o art.º 546, a qual entra em praça por 528\$00;

13.º

Bouça do Salgueirinho, de mato, sita no lugar de Codeçal, inscrita na matriz sob o art.º 323, a qual entra em praça por 264\$00;

14.º

Bouça do Coto, terra de mato, sita no lugar do Codeçal, inscrita

na matriz sob o art.º 586, a qual entra em praça por 288\$00;

15.º

Bouça da Cachada, de terra de mato, sita no lugar do Codeçal, inscrita na matriz sob o art.º 539, a qual entra em praça por 384\$00;

16.º

Bouça do Barroco, de mato, sita no lugar do Codeçal, inscrita na matriz sob o art.º 301, a qual entra em praça por 1.104\$00.

Vila Verde, 19 de Fevereiro de 1962.

O Chefe da 2.ª Secção,

a) António Monteiro

Verifiquei:

O Juiz de Direito,

a) Manuel Augusto Gama Prazeres

Entregue pelo:

O Solicitador,

Fausto Feio Soares de Azevedo de Vila Verde

S. R.

Justificação Notarial

Nos termos do disposto no n.º 1 do art. 212 do Código do Registo Predial, publica-se que por escritura de 6 de Janeiro findo, lavrada a fls. 29 do livro de notas 315, do 1.º Cartório desta Secretaria Notarial de Vila Verde, a cargo do lic. Mário José Lopes de Carvalho, — António Maria da Lomba Pereira e mulher Rosa Oliveira da Silva Pereira, ele empregado de mesa e ela doméstica, residentes da Travessa de S. José n.º 19-1.º esq. da cidade de Lisboa e acidentalmente no lugar da Laranjeira, freguesia de Covas, deste concelho, foram declarados com exclusão de outrem, donos e legítimos possuidores do prédio: — *Leira ou Campo de Figueiras* de lavradio e vidonho com água de rega e lima da Poça de Figueiras, e com água de rega do Ribeiro do Moinho, situado no lugar de Ameixoeiras, freguesia de Covas, deste concelho, a confrontar do Nascente — *caminho público do Norte* com Avelino José Lobo, do Poente com a estrada nova e do Sul com Manuel Fernandes, descrito na Conservatória com o n.º 8.719 a fls. 157 v.º do livro B. 23, e inscrito na matriz, actualmente, sob os artigos 526 e 616, com o valor matricial corrigido de 14.736\$00, prédio que lhes foi vendido por António Joaquim Pereira e mulher Maria Rosa Pereira, proprietários, do lugar da Porta, freguesia de Covas, por escritura de 17 de Setembro de 1960, lavrada pelo lic. Luis Armindo da Mota Lopes, notário do 2.º Cartório da Secretaria Notarial referida, — e o qual havia sido comprado por Adão de Araújo Carvalho, solteiro, maior, da Rua da Misericórdia, da cidade de Braga, desconhecendo-se, porém, a data da escritura e notário que a lavrou. — Estas declarações foram confirmadas por João Alves dos Santos, solteiro, maior, proprietário, do lugar do Campo da Feira, — João Narciso Vilas Boas, casado, industrial, do lugar do Bom Retiro, estes desta freguesia de Vila Verde, e Manuel da Costa, casado, construtor civil, da freguesia de Soutelo, todos deste concelho. — Ressalvo a entrelinha que diz — *caminho público do Norte* com. —

Secretaria Notarial de Vila Verde, 13 de Fevereiro de 1962.

O Ajudante da Secretaria,

Manuel da Assunção Pereira da Cunha

QUER DINHEIRO ?

COMPRE A LOTARIA NA

PRINCEZINHA

Agente da CASA DA SORTE nesta Vila

HABILITE-SE PARA OS 3.000 Contos DO CARNAVAL E AO HABILITAR-SE...

tome o nosso famoso café

CIMBALINO!

PRADO Telefone 92110

CORRESPONDÊNCIAS

Portela do Vade

Faleceu nesta povoação da Portela do Vade, depois duns dias passar em estado melindrosíssimo, a sr.^a Rosalina Cerqueira, esposa do velho Barbeiro da Portela, Lourenço Justiniano Cerqueira. A falecida tinha vários parentes no Porto e em Matosinhos, os quais vieram tomar parte no funeral. Pésames aos doridos.

— Foi estabelecida uma nova carreira de camionetas pela empresa de transportes José Alves, da parte de manhã a sair dos Arcos de Valdevez e a passar nesta nossa Portela pelas 7 1/2 horas, o que vem beneficiar imenso sobretudo os estudantes de todas as povoações, desde os Arcos até Braga, pois a esta cidade vem chegar a tempo da abertura das aulas em qualquer estabelecimento de ensino. Já há muito que era esperada esta nova carreira, não só pela concorrência que faz a outras carreiras para benefício do público, que muitos vezes, pela concorrência de passageiros não tinha lugar, em razão da lotação completa dos carros e quantas vezes com grandes prejuízos para muitos passageiros, nas mais viagens da parte da manhã.

Muitos louvores devem ser dados ao Ex.^{mo} Director Geral dos Transportes Terrestres pelos povos das povoações servidas por esta carreira, pelos benefícios que a todos vem trazer. Parabéns ao Sr. José Alves por mais este bom serviço que nos presta e ainda ao seu pessoal tão atencioso e delicado para com os passageiros. O Sr. José Alves tem aqui muitos amigos e família, pois sua falecida esposa era natural da Portela.

Regosijamo-nos por este novo melhoramento e benefício para a nossa terra. — C.

Cabanelas

Com a idade de 56 anos faleceu no passado dia 16 no lugar de Aldeia, a senhora Maria da Conceição Fernandes do Penedo, senhora muito bondosa, esposa do senhor António Machado. Que Deus tenha a sua alma em eterno descanso.

— Um grupo de rapazes continua percorrendo a freguesia angariando esmolas para o restauro dos nichos das alminhas. Por todos tem sido bem recebidos e tudo leva a crer que antes da Páscoa, estejam concluídas as referidas obras.

— Está quase pronto o novo campo de jogos do S. C. de Cabanelas, prevendo-se para breve o dia da inauguração. A direcção não se tem poupado a esforços e ainda no dia 24 electricizou o campo para se poder trabalhar de noite e na verdade, não faltou gente, todos trabalhando com grande entusiasmo com o pensamento no seu clube e na sua terra. — C.

150 Contos

Empresta-se na área do concelho, s/ prédio rústico ou urbano, junto ou em fracção.

Condições habituais.

Esta redacção informa.

Os possíveis interessados,

deverão indicar, por escrito:

Nome, Morada, e quantia que pretendam, e todos os esclarecimentos que entenderem prestar.

Pico de Regalados

O curso de Catequese que se vem realizando do salão paroquial desta freguesia de São Paio do Pico tem decorrido com grande entusiasmo.

De todas as freguesias desta região têm concorrido várias catequistas acompanhadas pelos respectivos párocos, notando-se em todos um grande desejo de organizar, segundo as normas da Santa Igreja, as catequese nas respectivas freguesias. A frequência foi muito grande, pois assistiram 80 Catequistas às lições que foram dadas pelos dois sacerdotes encarregados do Curso desta região.

Oxalá que se ponham em prática as normas que se têm aprendido e estamos certos que este novo impulso dado à catequese vai contribuir para uma melhor formação da gente nova desta região.

São Cristóvão

No dia 19 de Fevereiro foi sepultado, no cemitério desta freguesia, o cadáver da Senhora D. Rosa Maria Pinheiro, viúva, de 83 anos de idade, irmã do Senhor António José Pinheiro que foi Vice Presidente da Câmara do nosso Concelho, sendo actualmente verificador da mesma.

Realizou-se o funeral na nossa igreja paroquial com a assistência de vários sacerdotes e de várias pessoas desta região. Apresentamos os nossos sentidos pésames ao filho da falecida e ao Senhor António José Pinheiro e irmãos da ilustre casa da Vinha Nova da freguesia de Travassós deste concelho desejamos à falecida o eterno descanso junto de Deus.

Vilarinho

Como foi noticiado, partiu para Angola o filho desta freguesia, Manuel Alves Braga que pediu a assinatura do Vila-verdense. Fazemos votos pela felicidade deste valoroso soldado e dentro de poucos dias lá poderá ler o Vila-verdense.

Sande

Já se encontra de saúde a Senhora Rosa Pimenta que esteve bastante doente.

Estamos certos de que esta notícia vai dar alegria ao seu filho Manuel Pimenta Gonçalves que se encontra em Angola em defesa da Pátria e que várias vezes nas cartas que envia tem mostrado generosamente o seu grande amor à sua estimada mãe. O Vila-verdense vai dar alegria e conforto a este brioso soldado e nosso estimado assinante. — C.

Freiriz

— Ultimamente foram baptizados nesta freguesia as seguintes crianças: Eduardo filho de João Gomes da Silva e de Ana Duarte de Almeida, António filho de André de Barros e de Laurinda da Cunha Leitão, Maria da Conceição filha de Albino de Sousa Gomes e de Maria Magalhães.

— No lugar das Chãos, onde residia na companhia de seu sobrinho Domingos Martins Leal, faleceu Custódia Albina Rodrigues, de 74 anos de idade. — C.

"O Vila-verdense"

Preço anual de Assinatura

Continente	30\$00
Ultramar e Brasil (via marítima)	60\$00
(via aérea)	145\$00
Outras nações (via marítima)	70\$00
(via aérea)	165\$00

Vila de Prado

— Todo o povo desta encantadora freguesia espera com ansiedade o dia 18 de Março para participar na Solene Inauguração da Cripta da Igreja nova. Depois de uma novena preparatória ao Santo Menino Jesus, Milagrosa de Praga, a sua imagem será conduzida em Procissão até junto do novo altar (Oferta do Senhor António Soares da Silva) onde haverá alocução apropriada por um distinto orador sagrado e Missa.

As alfaias litúrgicas estão a ser encomendadas entre o melhor e mais moderno para que todos nos sintamos bem perto do altar do Senhor.

— Estão a sofrer profundas remodelações os jardins de Prado, graças à boa vontade do nosso Município.

O Pelourinho, até então escondido entre os lírios do largo de S. Sebastião, está a ser colocado no canteiro central do jardim Comendador Sousa Lima.

Como este recinto estivera muito tempo «a monte» os condões têm de ser «civilizados» com a colaboração de todos, especialmente das autoridades que lerão de usar prescrições legais.

— Encontra-se a passar algum tempo de férias connosco, o nosso distinto colaborador e amigo, António Soares da Silva-S. João da Madeira.

— No dia 8 de Março festeje, na companhia de seus queridos pais, irmãos eijos, vinte e duas risonhas primaveras, Maria Celeste da Rocha Fernandes, grande colaboradora no despacho do nosso jornal. Não podíamos passar esta data sem lhe augurar um feliz aniversário junto da sua estimada família.

— No dia 10 de Março realizou-se, no Salão paroquial, mais uma reunião de nível. Quem não quiser tomar chá não deve aparecer. Os temas são sobre "A existência de Deus... A discussão é para todos. Começa às 20,30 horas.

— O nosso Desportivo acaba de fazer com o Vizela (o primeiro classificado) mais um empate a 2-2.

A' Margem do Homem

Paçô

— Com o nome de Delmindo, foi baptizado, no dia 21 de Fevereiro o 1.º filho de Armindo Pereira e de Aurora da Cunha Martins do lugar Novo. Foram padrinhos do neófito José Delmindo Martins e a avó materna Rosa de Jesus da Cunha. — C.

Santa Maria de Oirz

— Com o nome de Manuel António, recebeu a água baptismal na igreja desta freguesia, no p. p. dia 18 de Fevereiro, o 1.º filho de Fernando Arantes e de Alice das Dores da Costa Rodrigues. Foram padrinhos o tio paterno Manuel António Arantes Vieira e a avó materna Margarida de Oliveira Dias da Costa, todos do lugar de Paçô.

— No passado dia 24 de Fevereiro uniram-se pelos laços do matrimónio no Santuário da Sameiro, o S. António Maria de Freitas, da freguesia de Paranhos (Amareal) a menina Almeirinda de Jesus da Silva Taveira, do lugar do Barreiro desta freguesia. Aos noivos, que após o enlace seguiram em viagem de núpcias e fixaram a sua residência nesta freguesia desejamos muitas felicidades.

— Encontra-se mal de saúde a Senhora Josefina Coelho Ribeiro, do lugar da Regada, desta freguesia, a quem desejamos melhoras. — C.

Escariz S. Martinho

— Receberam o santo Baptismo, nesta freguesia, as seguintes crianças: Manuel filho de António Machado e de Maria da Conceição da Costa Moreira, Maria Tereza filha de Domingos Correia Durães e de Maria de Lurdes Gonçalves Durães. O pai desta última criança encontra-se há quatro meses em Angola, como 1.º Cabo militar ao serviço da Pátria.

— No passado dia 21 receberam o Santo Sacramento do Matrimónio os jovens desta freguesia Fernando Durães Carones e Maria de Lurdes Ferreira Pereira, filhos respectivamente de Manuel Carones e de Emilia Durães e João Pereira e Oliveira Duarte Ferreira.

— Apadrinharam o solene acto os Senhores António J. Gonsalves Estrada sua esposa D. Natalina de Oliveira e Sousa.

Aos noivos, que fixaram residência nesta freguesia, desejamos muitas prosperidades. C.

«O Vila-verdense»

Encontra-se à venda:

Em Prado:

Na residência paroquial, onde se tratam todos os assuntos referentes à sua Administração e Redacção.

Em Vila Verde:

Na Livraria Rainha.

Em Braga:

Na Tabacaria do Café Sporting.

Fábrica de Bordados Regionais

DE

Maria Helena Dantas

Variedade de Linhos: — Toalhas de Mesa em todas as medidas.

Jogos à americana: — Tabuleiros, secas, guardanapos, etc.

Ainda um grande sortido em puchados e em perlê, e bordados regionais

LUGAR DA PONTE — Prado Telef. 92147 BRAGA

A Banda Musical de Vila Verde

Vários jornais estão a fazer justas referências ao alto nível artístico a que está a ser elevada a Banda Musical de Vila Verde, que se prepara afincadamente para a próxima época das festividades.

Com a devida vénia, transcrevemos do "Notícias dos Arcos", o seguinte, que é da autoria de um crítico abalizado, com o Curso da Conservatória de Música:

De Arte

Faça-se justiça a quem a merece

E' do conhecimento de toda a gente, dos apreciadores da divina arte dos sons, sobretudo, que o distinto regente de música, Manuel Ferreira Pais, voltou a assumir a chefia da afamada Banda Municipal de Vila Verde, após uma ausência prolongada.

Por vezes me referi nas minhas modestíssimas crónicas a este consagrado mestre, mas não foi o suficiente ainda, pois todas as palavras foram poucas para realçar concretamente a nobreza dos acontecimentos de maior vulto da sua vida artístico.

Reforço, pois, mais um pouco as minhas palavras, fazendo assim justiça, uma vez mais, a quem a merece. Ontem, Ferreira Pais, era um distinto militar do nosso Exército, onde deixou coroada de honras a batuta da Banda do Regimento de Infantaria n.º 6, da cidade do Porto, como sub-chefe. — Hoje apresenta-se-nos civilmente nos coretos de música como inteligente soldado da "rainha das artes", a espalhar por toda a parte, a arte sublime nos mais variados géneros que compositores de diferentes categorias ins-

piraram e escreveram para o mundo civilizado da Música. Se como regente, é distinto, como ensaiador é extraordinário! Verifiquei esta grande verdade, com prazer, no dia 28 do passado mês de Janeiro. Nesse domingo, abri lhançado por um lindo sol, sem dúvida convidativo a um esplêndido passeio, tivemos, eu e o meu considerado amigo sr. Amândio Rocha, um "doente", um "louco", pela arte musical, a felicidade de assistir, pela primeira vez, a um ensaio da conhecida Banda Municipal de Vila Verde, sob a direcção artística de Manuel Ferreira Pais. O ensaio dividira-se em duas partes: a da manhã e a da tarde. Quando demos entrada, eu e o meu companheiro amigo Amândio, no amplo salão de ensaios, cheio de luz fulgurante e forrado a deliciosas vibrações sonoras que o mestre soube preparar com sentimento e habilidade apreciáveis deparamos com umas instalações dignas de apreço. E' um lindo edifício moderno e apropriado ao fim em vista, que um grande benemérito da terra e da Banda preparou e ergueu em pleno centro da vila.

Bem haja por isso o ilustre e distintíssimo clínico Doutor A. Ribeiro Guimarães, e ainda pelas suas conhecidas virtudes: modéstia, bondade, distinção e fino carácter. Tudo de belo existe na grandesa do seu coração. Mas o bom povo de Vila Verde sabe agradecer, considerar e respeitar o seu gesto elevado e honroso de praticar sômente o bem.

Como ia dizendo, o ensaio começara, tendo subido às estantes da Banda composições espanholas, como "Mollinos di Viento.. "La Legenda del Baso.. e

(Continua na quarta página)

Pastelaria BAR VILAVERDENSE

Fabrico esmerado de doce de todas as qualidades
Serviço de Casamentos, Baptizados e Homenagens
Vinhos de mesa, finos e espumantes, refrigerantes
a preços excepcionais — Café especial

Em Vila Verde, não deixe de visitar a PASTELARIA

Casa Claro

— DE —

Paulo de Sousa Claro

Fábrica e depósito de velas de cêra e artigos de apicultura

— DE —

Mário Joaquim de Queirós & C.^a

Rua D. Diogo de Sousa, 100
TELEPHONE, 22305 BRAGA

TELEPHONE, 22013 BRAGA

Sala de Chá

— X —

Todas as qualidades de doce

Esmerado serviço de casamento e Festas de todas as espécies

DOÇARIA

LUSITANA

Rua Francisco Sanches,
119 127 Tel. 23300

e Jardim de S.ta Bárbara

BRAGA

A COMERCIAL DE PRADO

— DE —

Fernando Duarte Pedrosa

Agente da Companhia de Seguros "Tranquilidade"

Azeltes, Mercadoria, Vinhos, Refrigerantes, Ferragens, adubos e Metais de Construção

Revendedor de BUTAGAZ e produtos SHEL

Vila Verde

TELEPHONE, 92115

PRADO

Correia de Oliveira

(Continuação da 1.ª página)

Foi Pascal quem dividiu os homens em duas grandes categorias: os que temem perder a Deus e os que temem... encontrá-LO.

Se esta afirmação é verdadeira é o de uma forma mais perfeita, aplicada aos artistas.

O homem, pela sua condição de ser finito e limitado, é um ser eminentemente religioso, mas se esse homem for ao mesmo tempo um artista, vendo, sentindo e exprimindo o esplendor da verdade, como definiu Platão a beleza, e se esse homem-artista se deixar orientar pelo dictames da recta razão, então, todas as suas emoções criadoras atingirão, em plenitude, os fulgores da Essência Divina, da Beleza Incrível, que vemos expressa nos reflexos das criaturas.

Por isso os "verdadeiros artistas são os religiosos dos mortais..

Foi assim Correia de Oliveira.

Cantou a

"Terra Portuguesa,
cheia de sol e cheia de tristeza!...
Terra das laranjeiras,
Da voz do rouxinol,
Das águas fugidias...
-Terra de rosas, terra de beleza..

Cantou o

"Chão e Raça, a língua e a crença..
E, como disse Correia de Oliveira, em luminoso pensamento;
"O belo não pode separar-se do eterno, tam como o calor do fogo..

Por isso todos os seus poemas são de uma luminosidade, de um misticismo, e de uma pura espiritualidade, como jamais houve, em tão grande vastidão e profundidade em toda a história da poesia portuguesa.

Aparentemente os mesmos motivos de inspiração, que, em Correia de Oliveira, nunca significaram carência de fundo poético, mas pura renovação em novos moldes de beleza, cada vez mais rica e transparente.

Foi o Poeta de Deus, cantando a beleza participada das suas criaturas.

E tudo isto é mais de admirar sabendo-se que o Poeta viveu os dias da sua mocidade num período revolucionário, anti-clerical e demolido.

Podia ter-se perdido como fantasmas dos seus companheiros, nesses duras encruzilhas.

Correia de Oliveira permaneceu sempre fiel ao nosso passado histórico, no que ele tem de mais genuíno e transcendente: a religião.

Manteve sempre um profundo espírito de obediência à Igreja e um religioso respeito pelo sacerdócio católico.

Correia de Oliveira pensou sempre que os grandes problemas do homem só têm uma solução satisfatória à luz do pensamento de Deus.

Sempre fiel a este rumo, toda a sua poesia é uma perfeita manifestação da rectidão do seu pensamento, da inflexibilidade do seu carácter, da sua profunda e vibrante alma de poeta.

Por ocasião da sua morte, o grande crítico literário Forjaz Trigueiros disse na Emissora Nacional:

"Correia de Oliveira foi uma voz única, profundamente representativa do génio lusitano no que este tem de mais comunicante e universal..

"Eis o que a morte não conseguiu arrebatá-lo, disse o P.º Benjamim Salgado no Elogio Fúnebre do Poeta; a ressonância eterna dos seus versos e o perfume espiritual das suas virtudes de homem justo, temente a Deus e fiel à Sua Lei.

Carácter ímpoluto, consciência delicada até ao escrupulo, sensibilidade requintada toda votada para o bem-fazer, foi a sua vida como foi a sua arte: um canto perene à beleza todo repassado de harmonias espirituais, a que uma intensa vida interior dava sentido de eternidade.

Como os seus versos também a sua vida foi um testemunho cristão, a que não faltou o sentido evangélico da caridade nem aquela ambiência da fé teológica que dá às acções humanas ressonâncias divinas..

E de lamentar que a voz de tão grande cantor da Fé e da Pátria não seja ouvida como merece, pois ao terminar a leitura de qualquer das suas poesias fica qualquer coisa de imponderável e de mistério em derredor, a fazer-nos esquecer as agruras da vida e a dar vontade de viver, porque ao nosso lado mora tanta beleza, que o Poeta soube descobrir e cantar aproximando-nos mais e mais do Criador de toda essa beleza, do Senhor de todas essas maravilhas, levantando-nos da terra - vale de lágrimas - até junto de DEUS; Supremo Bem e Suma Felicidade.

O povo canta:

"O pouco que Deus me deu
Cabe numa mão fechada.
O pouco com Deus é muito,
O muito sem Deus é nada..

Eis o segredo da poesia de Correia de Oliveira: foi o poeta de DEUS.

Brufe, 20 de Fevereiro de 1962.

LIBERDADE DE CULTO EM ARCOZELO

(Continuação da primeira página)

Mas deixemos aí o automóvel com os pneus inutilizados e preso à entrada. Vamos com o pároco, que seguiu e pé para a Igreja.

Desta vez não encontrou os orifícios das fechaduras das portas tapados com cavacos, que enticpadamente, por maldade aí eram postos e, que aquele sacerdote com o auxílio de alicates, canivetes, chaves de fenda etc., pacientemente extraía, nem a corda de aço, que servia para tocar o sino, corlada, nem ainda os pedras, que alguém prendia à mesma corda para que colissem sobre quem tocasse o sino.

As portas estavam fechadas e com uma segurança invulgar; estavam trancadas por dentro.

Quem ousou penetrar na Igreja e vedar, desta forma, a entrada a quem por direito e dever aí tinha de entrar?..

A resposta pertence ainda ao segredo dos Deuses, mas lembramo-nos de um desaboço a Sr. Maria José da Coste Moreira no dia 18 de Dezembro p. p.: «O Padre tem uma chave, mas nós temos outra e entramos na Igreja quando quizermos».

lembra-se também a esposa do sr. Presidente da Junta ter dito algures que possuem a chave da Igreja que se encontrava nas mãos do mordomo?..

Seria esta chave que serviu para os melandrin's entrarem na Igreja e, assim impedirem os actos de culto e, não sabemos se praticaram outros actos criminosos dentro da mesma?

Não se encontra na Igreja um paramento completo. Fomos informados que estavam completos.

Onde estarão as diversas partes que faltam?..

Não terá havido aí a primeira tentativa para evitar que o pároco aí celebrasse por falta de paramentos?

Tudo se pode recear e suspeitar.

De quem se trata?

De um povo revoltado contra uma decisão de seu Prelado que tenta levar ao fim a sua revolta firmada num exagero de orgulho e amor próprio e vista com tão pouca inteligência e com tanta maldade que se pode traduzir nesta frase, drigida, em Arcoselo em 13-X-61, ao M. Rev. Pároco de Celvelo, por alguém que este sacerdote poderá identificar: «O Senhor Arcebispo está como o Salazar - precisa de uma reforma».

O senhor Lopes dos Corvos, a caminho da Missa em Arcoselo de um grupo de rapazolas a quem convidou para o acompanharem à Missa ouviu este resposta:

Não vamos porque somos «comunistas».

Na verdade o inimigo número um da Igreja e da sua disciplina e doutrina é o comunismo com todos os seus desejos e crimes.

E que dizer daqueles meninos bonitos que deixaram crescer as barbas e em tom arrojado e extravagante, como eles, diante de quem nota figuras tão caricatos e carnevalescos se bem dizer:

«Nós somos terroristas?»

Achamos a piedade não maldosa, mas estúpida?..

Bem, ficamos por aqui e esperamos ter dado uma boa acheço à autoridade civil que não tem encontrado até hoje elementos bastantes de responsabilidade jurídica.

Aqui ficam as nossas razões. Se por acaso forem necessários ainda depolimentos mais em concreto - mas julgamos que o não sejam! - estamos na disposição de os prestar embora não sejamos agentes profissionais ao serviço do bem comum.

A Redacção

A Banda Musical de Vila Verde

(Continuação da segunda página)

outras em género ligeiro também submetidas a ensaio naquele dia.

"Mollinos di Viento, é uma obra de responsabilidade e de trabalho que o ensaiador e o executante percorreram toda ela com especial atenção, tendo em vista constantes trechos que se impõem pelasua elevada leitura e pela forma como estão conjugados os diversos instrumentos. É uma peça defacto trabalhosa para ensaiar e vencê-la nas dificuldades e complicações que a adornam e fazem notável.

Outras parituras, marchas e danças espanholas entraram também em preparação, às quais o ensaiador soube dar o verdadeiro ritmo espanhol.

Nas constantes transições que surgiram, isto é, nas passagens de um tom para outro, que é a arte de fazer suceder uma moderação a outra, e em todas as variantes sinalizadas nas partituras, pianos e fortes, crescendos e diminuindo, suspensões, entradas e acabamentos, etc., Ferreira Pais mostrou-nos, nesse ensaio, possuir duas principais qualidades que deve ter um bom ensaiador: exigência e persistência. Sem estas, nunca um trabalho poderá sair perfeito, assim como o executante numa banda ou de uma orquestra, para ser bom músico, precisa ter as seguintes qualidades, também importantes e indispensáveis: assiduidade, consciência e respeito. Todas estas encontram-se no agrupamento musical de Vila Verde.

O ensaio deixou as melhores impressões na assistência, que dispensou fartos aplausos, onde se encontravam muitas senhoras, dignos Magistrados e suas famílias, funcionários, comerciantes e várias pessoas da cidade de Braga que se deslocaram àquela vila, para assistirem ao habitual ensaio da Banda sob a direcção de Ferreira Pais.

Digamos ainda: na verdade, se analisarmos bem a sua maneira de ensaiar, chega-se à conclusão de que é, no extenso campo da música, profundo conhecedor da história dos célebres compositores e de suas obras, que executa com admirável precisão sob o seu critério artístico.

Eu gostaria, com franqueza, encontrar Ferreira Pais, em falta, em erro no estrado da Arte, (não por prazer nem por maldade, não), pois representaria isso um acontecimento de certa importância para quem o apanhe num passo musical em falso e o revele; mas não há maneira, não há possibilidade por muita atenção que se preste aos movimentos da sua batuta! Escapa-se tão facilmente com a sua competência pelas malhas apertadas da rede musical da crítica, que não deixa na sua passagem, o mínimo "beliscão", artístico! Ainda bem.

Vila Verde está, pois, de parabéns.

Eugénio Amorim

A C. U. F. e a assistência técnica à Lavoura

A empresa a C. U. F. procura fazer assistência à Lavoura para a orientar, na melhor cultura das terras, conseguindo assim maior e melhor produção com mais economia.

Promoveu, no salão dos Bombeiros Voluntários de Vila Verde, uma sessão para os lavradores, que foi muito concorrida.

Falou o senhor Engenheiro Nuno de Mendonça, que é um verdadeiro apaixonado pela reforma progressiva da nossa Lavoura.

Foram projectados diversos filmes sobre a produção do sulfato de cobre, tratamento das vinhas, cultura do milho e dos seus adubos.

Assistiram ainda o agente da C. U. F. neste Concelho, senhor José Manuel dos Santos, o dirigente da C. U. F., em Braga, senhor Pinto, e diversas entidades, párocos, etc.

A C. U. F. põe à disposição dos lavradores os seus serviços técnicos, gratuitamente. Basta que se dirijam ao seu agente neste Concelho.

O silêncio nas sociedades de hoje

É difícil saber o que é o silêncio; todavia ninguém ignora que o ruído, com suas formas e repercussões contínuas, que a agitação humana, com todas as suas correrias e desastres na solução dos inúmeros problemas diários, são contrários ao silêncio. Destes todos têm experiência. O mesmo não sucede a respeito do silêncio.

Evitar o barulho é problema que, em princípio, não tem apresentado muito difíceis soluções. Num quarto recolhido numa habitação, numa igreja ou num mosteiro, num oásis perdido adentro do deserto, nas aldeias ao abrigo das montanhas ou no interior virgem duma floresta pode-se encontrar uma forma de silêncio exterior. Mas isso não suprime o emaranhamento ruidoso das preocupações sociais, familiares ou individuais, etc., que dentro de cada um sempre labuntam e batalham. E' por isso que se torna difícil saber concretamente o que é o silêncio visto não poder ser ele apenas ausente de ruído sensível assim como de coisas com ele relacionadas.

E' certo que o silêncio será sempre relativo para todos. O operário, que, durante cerca de cinquenta horas semanais, passa e repassa diante da turbina de um reactor ou permanece parte desse tempo perto do zunir agudo da maquinaria de qualquer fábrica, vê o silêncio nas horas apressadas que vive ao pé da família ou no seu abarracamento, nos arredores da cidade.

Diferentemente pensarão o motorista de quaisquer espécie de veículos, o homem que passa a vida na secretária duma repartição pública, o homem da aldeia que vive seu dia-a-dia na dureza da labuta agrícola, o professor universitário ou a mais humilde regente dum bairro ou lugarejo pobre.

Ao lado de toda esta massa humana, representada apenas pelos que acabamos de referir, aparecerão ainda aqueles que se julgam como que possuidores de alguns segredos escondidos no silêncio. São esses os que se poderia chamar, relativamente também, "profissionais do silêncio, ou que, pelo menos, têm em sua vida um mínimo de tempo a isso consagrado.

Se, como vimos, para todos é difícil saber o que é o silêncio e descobrir-lhe os valores, ninguém ignora, no entanto, que nos limites do ruído e da agitação febril aquele não se encontra.

O silêncio não pode ser qualquer coisa de puramente passivo ou qualquer coisa que o homem passivamente suporte. Não. Se o fosse não seria silêncio, mas prisão, castigo. Ora silêncio é, pelo contrário, fruto duma actividade consciente e apaixonada do individuo que o procura. Se alguém sente a necessidade de procurar o silêncio é que ele contém um valor e acarreta uma liberdade que não é um estado, mas uma operação. isto é, tem-se, conquista-se a liberdade, mas não se é totalmente livre.

O silêncio é pois acolhimento, disposição a receber e a receber alguém ou algo que nos pode ajudar a transformar; é também um desejo, uma oportunidade de se calar, de se unir espiritualmente a alguém ou a Deus.

Silêncio é também coragem, é heroísmo quando alguém nos quer forçar a dizer o que não se deve ou não se pode. E' a persistência na fé, diante do sofrimento. O silêncio é linguagem que, parecendo muda é a que mais se faz ouvir, por via de ser de todos compreendida. Como diz em expressão feliz uma nossa poetisa "o silêncio é sincero, nunca mente.. Quando há o silêncio na ausência, isso faz-nos lembrar e esperar; quando o silêncio na presença, gozar e confiar. E' o silêncio daquela pecadora pública que, na casa do fariseu, fora banhar com lágrimas os pés do Senhor,

beijando-lhos, depois de os ter enxugado com os cabelos longos de sua cabeça. Ela aí esperou sem dizer palavra. Ela confiou. Jesus compreendeu e disse-lhe: "Perdoados te são os pecados... A tua fé te salvou; vai em paz.. (Cfr. Luc. VII, 37-50).

Muitas vezes o silêncio é igualmente apagamento de si, humildade. E' a voz daquele que dá uma esmola grande ao pobre que fica de olhos arregalados e lhe quer saber o nome; é a visita de um outro desconhecido a um hospital ou a um campo de concentração; é a acção benfazeja de tantas almas anónimas que levantaram nossas catedrais, que nos deixaram grandiosas obras de arte, aos milhares, por esse mundo fora.

O silêncio é, numa palavra, alguma coisa de divino. No silêncio da nossa alma encontra-se Deus e são as obras feitas com a alma toda aquelas que, por serem feitas no silêncio, são eternas

Lisboa, 1962.

António de Sá

O HOSPITAL NOVO DO CONCELHO DE VILA VERDE

(Continuação da primeira página)

sidade, podemos dizer com misticismo, dando mais do que podia, levado por promessas. As entidades oficiais é quem está em dívida clamorosa.

O povo chegou a um ponto de desânimo. Pedia responsabilidades à Mesa da Misericórdia, importando-lhe responsabilidades por desleixo, por apatia. Estou disposto a não mais colaborar.

Finalmente, como cremos, o assunto da construção do novo Hospital está resolvido, porque, no próximo mês de Abril, a construção do novo Hospital será posta em concurso.

Quanto à campanha feita pelo nosso jornal, apenas cumprimos o nosso dever. Não procuramos salientá-lo; não queremos que se diga dever-se tão grandiosa obra aos braços que aqui levantamos; não queremos nem honras nem penachos.

Não pedimos nem aceitamos lugares. Apenas cumprimos a nossa missão como representantes e porta-vozes dos sentimentos, das aspirações, e de, no presente caso do Hospital de Vila Verde, das justas queixas do povo do Concelho de Vila Verde.

Confiamos no Estado Novo, na sua justiça, e nos seus homens.

E, no mês de Abril, será posta a concurso a construção do novo Hospital de Vila Verde, e ainda, neste ano, veremos erguerem-se as suas paredes. Assim o cremos, e connosco o povo - quarenta mil vilaverdenses, nacionalistas.

O que se passa com a energia eléctrica?

Consta que a Câmara está em negociações com a Chenop, para o fornecimento de energia em alta-tensão, ao Concelho de Vila Verde.

Ora sabe-se desde a electrificação de Cervães e Cabanelas, que a Chenop está pronta a fornecer energia directamente aos consumidores de Vila Verde, ao mesmo preço de Barcelos e daquelas duas freguesias, preço este que a Câmara nunca poderá fazer.

A população do Concelho está alarmada, pois parece que se quer sacrificar o concelho todo a meia dúzia de empregados, cuja situação, aliás, pode ser salvaguardada.

Se se perde esta oportunidade, nunca mais teremos energia barata, e lá se vai o progresso do concelho já tão prejudicado.

Entretanto vamos preparando as canções de azule.